

DENSIDADE DA MEMÓRIA, TRAJETÓRIA E PROJETO DE VIDA

MYRIAM MORAES LINS DE BARROS

A leitura dos textos de histórias de vida mostram que as pessoas entrevistadas dedicam-se de maneiras diferentes ao relato de suas trajetórias. A variação encontrada ao longo de cada narrativa se dá ao se atribuir mais cuidado aos detalhes e ao dispender um tempo maior ao período que vai da infância à entrada na idade adulta. Sobre isto Ecléa Bosi nos fala: "...A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam." Adiante continua: "O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos..."¹.

A intenção deste artigo é apresentar alguns dados das pesquisas baseadas em histórias de vida apontando a densidade variável interna a cada narrativa, associando-a, por um lado, à formulação de projetos ou mudanças importantes que ocorrem ao longo da trajetória de vida de cada indivíduo e, por outro, às perspectivas distintas de homens e mulheres?

Como pano de fundo teórico encontram-se as noções de memória coletiva e individual, a de projeto social e a de ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Começemos pelo ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Meyer Fortes³ descreve o grupo doméstico em contraste com a família elementar. Enquanto esta última é o núcleo reprodutivo do domínio doméstico, o grupo doméstico refere-se à descendência, ao parentesco, aos laços jurídicos e afetivos. O momento fundamental do desenvolvimento do ciclo acontece quando a nova geração chega à idade adulta, ocasião em que filhos e pais se defrontam com um conflito geracional onde coexistem as relações caracterizadas pelo afeto e por dimensões jurídicas e políticas.

¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, p. 336, 337.

² BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e Uso do Espaço Urbano por Velhos na Cidade do Rio de Janeiro*. Relatório de pesquisa/CNPq, 1994.

_____. *A Construção do Espaço Urbano Ontem e Hoje*. Relatório de pesquisa/CNPq, 1996.

³ FORTES, Meyer. Introduction. In GOODY, J., *Developmental Cycle in Domestic Groups*. Cambridge: University Press, 1969.

surpresas positivas. Como os da Unidos, encantam-se com os ganhos em lazer e sociabilidade, resultados sempre alcançados pelos atuais grupos organizados de idosos - mesmo quando esse não é o objetivo fundamental, como nos programas culturais e 'universidades' para terceira idade.

O resultado, em alegria e companheirismo é estimulante para os que vivem o processo, e de interesse para os que o analisam. Mas a sociabilidade geracional é um ganho, evidentemente, parcial, intermediário - inclusive pelo aspecto guetificante que não deixa de apresentar.

Resta a alcançar a meta fundamental do também necessário convívio - e da solidariedade - entre as gerações. Às vezes anunciado nesses programas, mas raramente ou nunca efetivado. E ele deve ser parte relevante do projeto de futuro - um projeto também educativo - de uma sociedade onde todos os seus segmentos possam alcançar ou recuperar um lugar social. E para os velhos pode ir ficando até menos difícil, não apenas pela atual demonstração de dinamismo e capacidade de luta que vêm dando (modelarmente publicizados pelo movimento de aposentados), com a conseqüente melhora de imagem social, mas também porque o movimento da sociedade da globalização e do desemprego estrutural se faz cada vez mais no sentido de aproximar - e assemelhar - segmentos sociais cada vez maiores daquele modelo de 'inatividade' e centralidade no lazer que restou para os idosos, que vivem há bem mais tempo como espécie de *part-society* que não se define pelo trabalho. Desse jeito, ainda seremos (quase) todos **iguais** - mesmo que nivelados por baixo.

As pessoas entrevistadas estão em determinado momento deste ciclo. O universo pesquisado é composto por 48 pessoas entre 64 e 90 anos. São viúvos, separados, casados e solteiros - 17 homens e 31 mulheres moradores em diferentes bairros do Rio de Janeiro, sobretudo na área suburbana. Embora apresentem um perfil heterogêneo quanto à posição e situação social, a maioria está localizada nos segmentos pobres da população.

O momento do ciclo está circunscrito pelo lugar social que cada um ocupa. As diferentes localizações determinam a representação da própria trajetória de vida e o olhar com que narram suas experiências. O caráter relativo é uma das características da memória trabalhada sociologicamente. Este aspecto e a noção de memória individual como um ponto de encontro das memórias coletivas apontam sempre para a presença da sociedade e do grupo na fundamentação teórica da memória como um fenômeno social. Como tal, a memória está relacionada ao dinamismo da vida social. A tudo isso associam-se os aspectos da seletividade das lembranças. É neste sentido que se fala, então, em reconstrução do passado e não em resgate⁴.

A complexidade da vida urbana, a inserção social múltipla do indivíduo em várias subculturas, as situações e condições de classe e gênero apresentam-se nas reconstruções do trajeto de vida de cada indivíduo, que, dependendo de onde fala, define um código de linguagem da narrativa da memória.

Em trabalho anterior, a interpretação das lembranças de mulheres velhas permitiu a discussão da relação entre memória, projeto de vida e idade. A partir de seus depoimentos, a velhice destas mulheres de camadas médias foi analisada como o período de vida entendido como último momento possível de formulação e execução de um projeto. Fazer com que o projeto concebido se realizasse dava um significado a esta etapa da vida e à própria existência. A noção de indivíduo consciente de si e da realidade é básica para a construção do projeto e, no caso analisado, um indivíduo pronto a intervir na sociedade através de seu trabalho cujo valor é exacerbado na velhice, e a dar seu testemunho de vida através da memória de suas experiências⁵.

A própria formulação do projeto pressupõe a reconstrução da biografia - é o momento em que, dentro das possibilidades pautadas pelo presente e pelo significado dado à própria história, o indivíduo planeja suas ações⁶.

Nas histórias de vida percebemos que os relatos se adensam nos momentos em que as pessoas se recordam das mudanças na trajetória de vida. As passagens de uma para outra situação no grupo doméstico e na família representam um desses momentos. O casamento, o nascimento dos filhos, a morte dos pais, o casamento dos filhos, o nascimento dos netos, a morte do/a companheiro/a, a

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

_____. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Mouton, 1976.

⁵ BARROS, Myriam M. Lins de. Testemunho de Vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In *Perspectivas Antropológicas de Mulher 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

⁶ VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

separação. Todos estes pontos são tratados com detalhes e coloridos de acordo com a compreensão que cada um tem de sua própria biografia.

Em cada narrativa percebe-se a interpretação do jogo entre a determinação do social, a expressão da singularidade do indivíduo na escolha entre os caminhos possíveis a trilhar e o que se entende como os acasos da vida. Associam-se ao ciclo do grupo doméstico outros momentos como o período escolar, a entrada e saída do mundo do trabalho, a participação na vida política.

O fato de encontrarmos uma densidade maior das narrativas no período da infância e juventude, momentos da vida em que ocorrem as definições e escolhas fundamentais para a maturidade, marcando fortemente as passagens de um momento para outro do ciclo, não nos impede de perceber que os projetos que se armam e se concretizam ao longo de uma existência se apresentam nos relatos com a mesma intensidade que se encontra nas lembranças dos primeiros 20 anos, como é o caso das mulheres que pesquisei (op.cit.). A relação entre a densidade da memória e a reconstrução de momentos de mudanças fundamentais de vida e de concretizações de projetos encontra-se também em outros estudos⁷.

Katia Lerner⁸, em seu trabalho sobre as histórias de vida de imigrantes judias, reconhece a importância dada pelas senhoras que entrevistou aos primeiros anos de vida passados em sua terra natal, mas, ao destacar no universo entrevistado dois conjuntos de pessoas discriminados de acordo com a idade e o momento histórico em que vieram para o Brasil, permite que identifiquemos a intensidade emocional na narrativa da imigração na idade adulta com a riqueza de detalhes nas escolhas, na interpretação das determinações sociais de etnia, de gênero e da conjuntura histórica.

A variação de intensidade e densidade em cada relato de história de vida e, comparativamente, entre diferentes discursos, também está presente nos depoimentos que coletamos para as pesquisas sobre a memória do Rio de Janeiro e as experiências do envelhecimento. Ao falarem das mudanças por que passou a cidade do Rio de Janeiro, as pessoas entrevistadas trazem, através de suas lembranças, interpretações distintas que apontam não só para a compreensão diferenciada das transformações ocorridas nos espaços urbanos, dos momentos da trajetória pessoal, das situações políticas e dos acontecimentos históricos. As distinções, definidas pelo lugar que ocupam hoje na sociedade, fazem com que se enfatize, também distintamente, alguns aspectos presentes em todos os relatos como a família, o trabalho, acontecimentos históricos da cidade e do país que fizeram parte da experiência de vida da geração dos entrevistados.

Ao reproduzirmos as migrações internas na cidade, perceberemos que as transferências de residência, quando não estão associadas a uma mudança de *status* e de posição e situação social, se dão entre bairros do subúrbio, do centro e da zona oeste do Rio de Janeiro onde se concentra parcela significativa das classes trabalhadoras e onde se encontra a maioria do universo entrevistado.

⁷ DELGADO, Josimara A.. Experiência e Significado. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Escola de Serviço Social, UFRJ, 1996.

⁸ LERNER, Kátia. Fragmentos do Passado: histórias de vida de mulheres imigrantes judias. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Escola de Comunicação, UFRJ, 1996.

Sobre estas áreas da cidade desenvolve-se grande parte das narrativas da infância e juventude de homens e mulheres. A recordação das casas onde se passou a infância, dos terrenos baldios onde se jogava futebol, das ruas e bairros vizinhos onde moravam os amigos, na casa de quem freqüentavam festas e namoravam, são algumas das recordações detalhadas desta fase da vida. As lembranças de outros espaços da cidade associam-se a outras formas de lazer, a grandes festas como o Carnaval (presente em todos os relatos) ou à festa de N.S. da Penha e ao trabalho.

De todos os espaços não restritos à vizinhança, o centro da cidade é o de maior significado. Ele representa o mundo do trabalho, o pólo de atrações culturais e de lazer com os teatros, as confeitarias, o espaço do comércio mais elitizado e ao mesmo tempo mais diversificado, o contraste entre as classes nos ambientes de trabalho e nas ruas, o centro das decisões e da vida política, as experiências com o que havia de novo e com o que era considerado mais moderno.

As diferenças sensíveis entre os relatos de homens e mulheres surgem no momento em que os domínios além da vizinhança parecem interditos às mulheres que, com a vida de casadas e com a criação dos filhos, se restringiram ao espaço da casa. O casamento marca para as mulheres uma transformação nas lembranças do espaço urbano, sobretudo para aquelas que trabalharam fora de casa um pequeno período de vida, cuja riqueza de recordações contrasta com a economia de palavras para descrever os anos passados a parir, a criar filhos, a vê-los crescer e a trabalhar nos limites físicos da casa e dos interesses da família.

Costurando os pedaços das recordações de Anita, Lúcia, Élvia e Souza podemos observar as variações que ocorrem ao longo das narrativas e entre elas, nas quais o domínio que o indivíduo tem sobre o espaço urbano é um de seus aspectos comparativos.

Anita nasceu em 1916. Veio para o Rio de Janeiro com quatro ou cinco anos. Passou a infância, a juventude e os primeiros anos de casada na Gambôa, zona portuária do Rio de Janeiro. "Estudei aqui, me criei aqui, casei aqui. No coração mesmo que era lá embaixo, na cidade, no centro." Anita fala das mudanças da paisagem urbana: os aterros feitos com a derrubada dos morros, da praia das Virtudes que existia e onde depois foram construídos "aqueles ministérios todos, aquela esplanada". Quando criança, recebia através dos irmãos as notícias do mundo exterior como a construção do edifício na Praça Mauá, "o primeiro edifício, o edifício da *Noite* (jornal do Rio de Janeiro) onde tem a Rádio Nacional. Edifício enorme que a gente ficava besta. O pessoal todo olhando". Enquanto Anita brincava de comidinha com as outras meninas, os irmãos vinham com as novidades que ela não sabia de onde. "Eles ficavam em frente ao edifício da *Noite* com aqueles painéis lá, não tinha rádio, naquele tempo". O mundo de fora dos limites da casa é mediado pelos homens, definindo desde crianças os espaços e os limites construídos socialmente para homens e mulheres. A instrução faz parte destas definições. Assim como para a maioria das mulheres entrevistadas na pesquisa, para Anita os anos de escolaridade são delimitados pela condição feminina de camadas mais pobres da população. A freqüência escolar termina com a necessidade de ajuda nas tarefas domésticas. A extensão da narrativa e o cuidado ao tratar deste

período em que estudou de graça no “colégio dos ingleses”, quando se dividia entre ajudar a mãe, estudar, aprender inglês, ler a Bíblia metodista dos professores e brincar no terreno do Cemitério dos Ingleses, apontam para a importância desta fase da vida nas lembranças dos velhos. A idéia da necessidade de resolução de conflitos e de criação de elos entre o presente e o passado, como a unificar os fragmentos de uma vida, dá sentido à intensidade da narrativa dos primeiros anos de vida⁹.

O centro da cidade ganha outra significação quando Anita recorda os anos em que trabalhou em oficinas de costura, situadas em ruas tradicionais da região central da cidade. O início deste período se dá quando aos 28 anos, com uma filha de nove anos e depois de 10 anos de casada, separa-se do marido, estivador do cais do porto com um pequeno negócio na vizinhança do cais. A mudança na vida familiar e a conseqüente entrada no mundo do trabalho fora de casa absorve um tempo considerável da narrativa de Anita. A descrição das ruas e das pessoas e a comparação entre aquele tempo e o presente é feita a partir da vivência como mulher e costureira. Esta especificidade marca os padrões comparativos e a atenção a alguns detalhes do cenário urbano. “Tudo era na (rua) Gonçalves Dias, a rua mais chique que tinha. A rua do Ouvidor era chique também, mas não era esse negócio de moda não. Trabalhei muito pra (loja) São João Batista. Era na (rua) Sete de Setembro, em frente à (confeitaria) Cavé”. Neste momento, como em outros ao longo do depoimento, Anita pára o relato das recordações e, mostrando que aquela parte da cidade não é mais um espaço que lhe diz respeito e que, hoje, desconhece por completo, pergunta à entrevistadora: “Ainda tem a Cavé?”

Prosseguindo com o olhar apurado de quem lidou com a moda, Anita fala dos contrastes sociais. “Eu entrava na (confeitaria) Colombo mas era para beber água, de tão chique que era. Na hora do almoço o pessoal ia lá, orquestra de violino. Eles não deixavam a gente entrar. Ficava só olhando. Agora a Colombo virou supermercado...Mas antigamente não. Aqueles homens bacanas. Aqueles homens antigos, riquíssimos. Eles usavam aqueles relógios com aquelas correntes... Mas a Colombo agora virou bagunça né? Antigamente não. Era tão bonita a Colombo! Eu trabalhava no nº 57. Em frente tinha aquela loja que vendia aquelas balas caras, eu nem sei se existe ainda”.

Para Anita o centro da cidade não é um espaço homogêneo. Há uma hierarquização mesmo de ruas bem próximas, baseada nas diferenças sociais daqueles que nelas transitavam. “Na Gonçalves Dias só era mais rampeira: as costureiras que trabalhavam ali e os empregados”. Ainda falando minuciosamente deste espaço da cidade, a narradora, apoiada na própria experiência de trabalho como costureira, nos fala dos costumes e possibilidades de acesso diferenciado ao vestuário. “Naquela época a gente não andava sem meia. Os homens de chapéu. Tinha uma casa ali na Gonçalves Dias, quase chegando ao Mercado das Flores, na esquina da rua do Rosário. Era uma casa de meias. Eu me fazia naquela loja porque tinha um dia da semana que vendia meia furada. Eu comprava dois ou três pares de meia. Quer dizer, eu comprava meia furada aqui e ia consertar ali em outro balcão...A gente ia trabalhar chique. Era bom, sabe? Dava respeito à gente.”

⁹BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória de Velhos e Família. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, vol. 45, 1993, 16 p.

Assim como a ocasião em que começa a trabalhar fora de casa está relacionada à vida familiar, a volta para os domínios e limites da casa também se associa a outro momento da vida do grupo doméstico: o nascimento dos netos, deixando a filha mais disponível para o mercado de trabalho.

A riqueza e densidade desta narrativa se dá na ampliação da visibilidade do espaço urbano associada ao trabalho externo em um momento definido da trajetória de vida da narradora. Em outros relatos esta associação também ocorre, mas em outro momento do ciclo do grupo doméstico, quando as entrevistadas ainda não haviam se casado. Seja nestes casos como nos outros, constatamos que a presença ou não da figura masculina (o pai ou o marido) marca, na trajetória das mulheres entrevistadas, as possibilidades de conhecimento e de contato mais estreito com outros espaços da cidade além daqueles próximos à residência, a maior parte das vezes associadas ao trabalho definido fora da casa e dos limites familiares.

A história de Lúcia é percorrida pela relação entre fases de empobrecimento e a dificuldade do homem em cumprir seu papel de provedor¹⁰. Para ajudar financeiramente a família, Lúcia deixa de freqüentar a escola aos 14 anos em 1940. "Aí a coisa ficou ruim, foi ficando muito difícil, meu pai com muitos filhos, aquela agonia de 400 réis para o bonde, eu desisti, tive que trabalhar." O primeiro trabalho foi em um consultório dentário no centro da cidade, rua da Assembléa. Pegava o bonde e o trem para sair de Irajá e chegar ao trabalho. "Aí, salário nem nada, eu fui trabalhar em uma oficina de costura onde fiquei até casar." Lúcia fala das colegas, das clientes ricas de Copacabana que freqüentavam o *atelier*, de "Mme." Amaral, a dona da oficina que quando Lúcia se casa "ajelta sua roupa" para a cerimônia.

Sobre este período da vida Lúcia lembra pouco da casa e de Madureira, bairro para onde a família se mudou por não poder sustentar a casa de Irajá depois da morte do pai. "Gostava mesmo era de Irajá. Minha paixão é Irajá. Madureira foi uma passagem porque eu ficava pouco tempo, saía de manhã para trabalhar e só chegava de noite. Quase não parava. Aos sábados e domingos ia pro cinema."

Nem sempre é o trabalho fora de casa que assume uma dimensão maior nas recordações. Élvia, ao lembrar de sua infância, demora-se a falar do cansaço e do sofrimento da mãe ao cuidar da casa e dos filhos, ao ver alguns deles morrer, conviver com o alcoolismo do marido e com sua violência, e trabalhar na fábrica de doces do marido situada nos fundos da casa de Engenho Novo onde exercia funções fundamentais: "Meu pai tinha uns 20 empregados e mamãe tinha que fazer comida para aqueles homens todos. Eram aquelas panelas grandonas que pareciam até panela de quartel...Minha irmã mais velha é que ajudava na fábrica, fazia cobrança, essas coisas, e mamãe é que trabalhava muito na fábrica, ela levantava muito cedo pra fritura dos sonhos, dormia tarde e umas 3 e meia, 4 horas já estava acordada."

Élvia parece ter reproduzido muitos aspectos da experiência materna no casamento e na família. Como a mãe, teve muitos filhos, alguns morreram de desintéria, trabalhava no armazém do marido, além de realizar as tarefas domésticas, sofreu

¹⁰ SARTI, Cynthia Andersen. *A Família como Espelho*. Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Fapesp/Editora Autores Associados, 1996.

como a mãe com um companheiro alcoólatra e violento. Aos olhos de Évia, o trabalho pesado das duas mulheres e as funções imprescindíveis na fábrica de doces ou no armazém não fazem também delas estes espaços. Sobre sua própria experiência nesta fase da vida, Évia é menos generosa do que em outros momentos do relato da história em que recorda as escolhas afetivas e as possibilidades ou não de sua concretização.

Nascida em 1920, moradora de Guadalupe em pequena casa própria cujo terreno é compartilhado com alguns filhos e netos, Évia, viúva, vive há 10 anos com Souza (15 anos mais moço), desquitado da primeira mulher. O casal interpreta as respectivas trajetórias com a perspectiva de pessoas que viram concretizada, apenas na velhice, parte do projeto de vida que deveria ter se concretizado no primeiro casamento.

A idéia de que o casamento e o nascimento dos filhos viabilizam um projeto de melhoria das condições de vida pressupõe a complementariedade entre homem e mulher. Como em outros casos, Évia e Souza também vivenciaram durante os anos do primeiro casamento a trajetória da relação familiar com atribuições específicas para homem e mulher. Coube a Souza o aprendizado do homem/provedor desde o período da adolescência quando começou a trabalhar em uma fábrica perto de sua casa em Jacarezinho. A falência do primeiro casamento é intensamente descrita por Souza como uma quebra por parte da mulher das atribuições femininas na relação. O desempenho como chefe de família foi, a seus olhos, exemplar, a ponto da família da mulher ter lhe dado apoio no momento da separação. Casou com a mulher no civil e religioso, assumiu, como seu, o filho de outra relação e, além de sua própria filha, acolheu em casa e tratou como sua filha, a sobrinha da mulher. No momento do ciclo da vida doméstica em que o enteado deveria assumir parte das atribuições do provedor, Souza é frustrado na socialização do enteado que, apoiado pela mãe, não cumpre as funções masculinas de entrada no mercado de trabalho. A cumplicidade da mãe mostra como ela não realizou eficazmente seu papel de transmissora de padrões de comportamento familiar, tornando insustentável a relação de complementariedade e de vida familiar.

Embora os discursos de Souza e de Évia priorizem a ideia da família como laços de reciprocidade e complementariedade, fica subentendido, também, a interpretação da vida familiar como o espaço privilegiado do afeto e o amor romântico como fundamental para o casamento. É exatamente na impossibilidade de realizar um casamento por amor com um rapaz rejeitado pela família que Évia opta, aos 18 anos, por casar-se com um homem com condições econômicas melhores que sua família de origem. No relato de Évia, vemos uma mulher velha a descrever a juventude limitada pelas condições de mulher, pobre e sem escolaridade, com um destino previamente traçado. Colocada durante algum tempo entre as determinações sociais e sua individualidade, a escolha acaba por recair, dentro de mínimos limites, no casamento, onde, aos olhos de hoje, prevaleceu apenas uma lógica fria do cumprimento de papéis.

Os depoimentos do casal os insere, assim como outros narradores, no que Cynthia Sarti (op. cit.) chamou de moral dos pobres, entrelaçando a família e o trabalho, e tendo as diferenças de gênero como fundamentais na compreensão deste quadro. Assim, a análise das histórias de vida coletadas nas pesquisas aponta para a realidade de vida de uma geração que através de sua memória reconstrói

a experiência feminina e masculina da conjugação do valor atribuído à família e ao trabalho. Retomando a idéia inicial da variação de densidade nas narrativas de história de vida, vemos que a interpretação da própria trajetória definida pelas condições de gênero, de idade, de lugar no grupo doméstico e no mundo do trabalho acaba dando importância e ênfase distintas aos momentos fundamentais da biografia de cada um. Ora enfatizando a relação família-trabalho, ora reconstruindo concepções de família e dos papéis complementares entre homem e mulher, as narrativas destes velhos moradores do Rio de Janeiro, aqui pobremente apresentadas, oferecem uma possibilidade de compreensão da experiência de vida de mulheres e homens de segmentos das classes trabalhadoras.



LUA NOVA

revista de cultura e política

A revista Lua Nova, publicada pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea - CEDEC - dedica-se à discussão dos aspectos teóricos, políticos e culturais das questões controversas do mundo contemporâneo.

Lua Nova preocupa-se sobretudo em alimentar e renovar o debate teórico nas ciências sociais, filosofia, direito e economia e também em trazer contribuições originais aos debates políticos e culturais em andamento no Brasil.

Últimos números publicados

- Nº 31 - Qualidade de Vida
- Nº 32 - Desenvolvimento Social
- Nº 33 - Cidadania
- Nº 34 - Fronteiras
- Nº 35 - Desigualdades
- Nº 36 - Democracia
- Nº 37 - Reformas
- Nº 38 - Individualismo e seus Críticos (outubro - 1996)



Centro
de Estudos
de Cultura Contemporânea

Rua: Airosa Galvão, 64 - Água Branca
Cep 05002 - 070 - São Paulo -SP- Brasil
Tel: (5511) 871 2966 - Fax: (5511) 871 2123
E-mail: cedec@eu.ansp.br